

MEREDITH GOLDSTEIN

OS Solteiros

Tradução

Ana Paula Corradini



Hannah

— Posso ser sincera com você? — Dawn perguntou para Hannah em um cochicho meio alto, com o cigarro já perto do fim, cheia de cinzas na mão direita e com uma caixa de grampos de cabelo na esquerda.

Hannah já sabia que, na verdade, não era bem uma pergunta.

Depois de passar vários dias consecutivos com a madrinha precoce de Bee, Hannah havia aprendido que Dawn começava a maior parte de suas frases perguntando teatralmente, em um sussurro quase gritado: “Posso ser sincera com você?”.

Raramente a pergunta correspondia à frase que a seguia. Raramente Dawn estava interessada em sinceridade.

— Não está ruimmm... — Dawn continuou, observando os olhos cautelosos de Hannah. — É que eu acho que você deveria considerar passar pelo menos um pouco de maquiagem antes de tudo começar hoje. Todas as outras meninas e eu também estamos usando lápis de olho. — Dawn arregalou os olhos para ilustrar o que dizia. — Percebi que você não usa. Não sei se você consegue notar, mas em todas nós... os olhos ficam tão maiores! Fica lindo na foto. E você tem olhos azuis lindos, querida. Só não quero que você fique perdida nas fotos.

O nariz de Hannah estava a pelo menos meio metro da boca de Dawn, mesmo assim aquela havia sido derrotada pelo hálito desta, que cheirava a nicotina e salada Caesar. Hannah sentiu um arrepio quando Dawn soltou outra baforada, uma mistura nauseante de parmesão e cigarros Parliament.

Hannah não estava acostumada com outras pessoas fumando em sua presença. A maioria de seus amigos tinha largado o cigarro havia anos, quando a cidade de Nova York aprovou a lei antifumo. Ela conhecia alguns fumantes de verão, amigos que acendiam um cigarro nos deques e telhados do Brooklyn, mas fumar na cidade se tornava desconfortável demais depois de novembro.

Passar esse tempo todo com tantos sulistas durante o final de semana do casamento de Bee lembrou Hannah de como ela tinha sorte por morar em uma cidade que havia decidido deixar, de quase todas as maneiras possíveis, os fumantes no ostracismo. Todos os futuros parentes de Bee, vindos de Raleigh e Durham, fumavam um cigarro atrás do outro, sem vergonha. Alguns deles até trabalhavam para a Phillip Morris.

Hannah ficou meio surpresa ao perceber que uma perfeccionista como Dawn não estava preocupada em ficar com o vestido cheirando a cigarro. No entanto, Hannah achava que, se tudo fedia a nicotina, então não fazia diferença nenhuma. Era um perfume universal, e apenas Hannah parecia se incomodar com a fragrância.

Dawn deu a última baforada no cigarro esgotado, fazendo com que Hannah se afastasse ao esperar o resultado fumacento. Mesmo nessa torre grande e de pé-direito alto, a fumaça de Dawn parecia onipresente e se revelava na forma de pequenas nuvens sob as luzes brilhantes no teto.

Havia duas salas grandes e ligadas no andar superior da torre do clube de campo onde Hannah, Dawn e o restante da comitiva da noiva estavam se arrumando para o evento. A cerimônia aconteceria ao ar livre, no gramado, ao lado de uma tenda branca que já estava pronta para a recepção. Em caso de chuva, havia um plano B — uma cerimônia mais curta no salão de jantar do clube —, mas não seria necessário. Era um belo dia de setembro — ainda quente o bastante para deixar os casaquinhos em casa.

O castelo histórico de tijolos marrons onde agora as madrinhas se enfeitavam era a parte mais antiga do clube de campo, uma instituição de Annapolis exclusiva para sócios que ficava ao lado da Baía de Chesapeake,

em um espaço de mais de 40 hectares para praticar golfe, tiro ao disco e outras coisas que as pessoas ricas gostavam de fazer nos fins de semana. Para Hannah, a torre neogótica que dava nome ao Clube de Campo Tower Gardens parecia ter saído de um conto de fadas. Seu formato comprido e cilíndrico com o exterior áspero e janelas de vitrais, assim como o gramado bem aparado, onde os convidados estariam desfilando logo mais, faziam Hannah se sentir como Rapunzel — o que era bem apropriado, ela pensou, já que estava presa ali. Se aquilo fosse um filme, Hannah ficou imaginando, sem conseguir desligar seu cérebro de diretora de elenco, sua versão de madrinha de casamento aprisionada deveria ser interpretada por uma atriz nova e ambiciosa, imperfeita, porém simpática. Ou, melhor ainda, por uma grande estrela, mas conhecida por ser carrancuda.

— Kristen Stewart — Hannah sussurrou para si mesma ao olhar pela primeira vez pela janela de sua prisão na torre. Emily Blunt, ela decidiu então, reconhecendo que, aos 29 anos, era velha demais para ser interpretada por qualquer atriz de *Crepúsculo*.

Dawn, como madrinha principal, seria o papel de Reese Witherspoon. Estava na cara. O rosto angelical de Dawn era emoldurado por um *chanel* loiro cheio de movimento. Ela tinha sotaque do sul e falava bem ardido, especialmente ao dar ordens. Hannah ficou pensando por um momento se Reese Witherspoon estaria disposta a fumar no filme.

Montar um elenco com um orçamento imaginário era o vício favorito de Hannah. Na vida real, ela havia trabalhado apenas em filmes alternativos, que pagavam menos de 200 dólares aos atores principais. Os orçamentos restritivos forçavam Hannah a ser criativa e a caçar novos talentos, mas ela não via a hora de montar um elenco para um filme com os famosos por quem vinha desenvolvendo paixonites há anos.

Ela estava prestes a conseguir um trabalho assim. Hannah passou a maior parte da manhã checando seu celular obsessivamente, esperando receber alguma notícia, qualquer notícia, da agente de Natalie Portman, que hoje tinha o futuro profissional de Hannah em suas mãos.

Hannah tinha passado semanas negociando para a atriz aceitar um papel em um filme independente que compensava pelo baixo orçamento e pelo roteiro digno de Oscar, na opinião de Hannah. Se Natalie aceitasse participar, a carreira de Hannah mudaria para sempre, sem dúvida. O filme — e Hannah — atrairia a atenção do país todo. Novos investidores destinariam à diretora o dinheiro tão necessário. Natalie Portman poderia transformar esse filme em um *O Casamento de Rachel*, um longa bom e barato que rendeu horrores.

E havia motivos para acreditar que Natalie diria sim. Sua agente parecia otimista; Natalie tinha lido o roteiro e gostado. A atriz adorou a ideia de o projeto ser dirigido por uma mulher. Natalie até mesmo disse que o diálogo era “encantador” em um e-mail que sua agente havia repassado para Hannah. Mas havia a questão da agenda da atriz.

— Ela vai ficar ocupada por quatro meses inteiros, para filmar aquela sequência — a jovem assistente da agente explicou dois dias antes de Hannah embarcar no trem Acela, com destino a Baltimore, para ir ao casamento de Bee. A assistente da agente, que havia lidado com todas as ligações insistentes de Hannah, havia se tornado sua espiã, enviando rápidas mensagens de texto no celular sempre que ouvia a chefe falar sobre o assunto.

— Eu só preciso dela por vinte dias — Hannah havia pleiteado com a assistente, como se ela pudesse decidir alguma coisa. — Ela precisa ter vinte dias de folga durante essas filmagens. O que eu quero dizer é que a personagem dela está em outro planeta mais da metade do filme, não é? Ela não vai ter um descanso?

Hannah odiava o filme medíocre e de orçamento exorbitante sobre super-heróis que não havia apenas conseguido uma sequência como estava arruinando sua produção pequena, porém de qualidade.

— Olha, ela está muito a fim de participar, e eu sei que eles estão tentando dar um jeito nisso — a assistente havia dito.

— E quando você acha que vamos ter uma resposta definitiva? —

foi a pergunta de Hannah, enquanto enfiava de qualquer jeito quatro calcinhas no bolso lateral de sua mala para o fim de semana do casamento.

— Você não vai receber uma resposta final até a semana que vem, mas provavelmente vou ficar sabendo de alguma coisa no sábado. Vai rolar a maior festa da agência na casa da minha chefe no sábado, e, se Natalie for fazer esse filme, minha chefe vai ficar esfregando isso na cara de todo mundo. Acho que posso te mandar uma mensagem se ouvir alguma coisa.

— Ai, meu Deus, obrigada! Vou a um casamento no sábado, e, se eu conseguir Natalie Portman para o elenco de um filme, quero contar para todos os meus amigos. E talvez também para um ex-namorado ou dois.

— Entendo totalmente — a assistente disse, em um tom quase complacente demais.

Agora já era o final da tarde de sábado e nada de mensagem. Nem mesmo da melhor amiga de Hannah, Vicki, que tinha prometido avisá-la assim que chegasse a Annapolis.

A organizadora do casamento de Bee, que no filme de casamento com orçamento astronômico (e imaginário) de Hannah seria interpretada por Bonnie Hunt, de *Jerry Maguire — A Grande Virada* e *Doze É Demais*, deixou bem claro para a noiva e suas madrinhas que, quando todas já estivessem lá dentro da torre, vestidas e prontas, teriam de permanecer ali até o casamento começar.

O maior dos dois quartos na cobertura da torre tinha uma televisão, um conjunto de sofás de veludo azul da Wedgwood e um banheiro de tamanho considerável com dois espelhos de corpo inteiro. Então, não havia razão aceitável para sair dali, a organizadora do casamento havia dito, com os olhos sobre Hannah, como se pudesse ler sua mente.

A organizadora tinha explicado que, quando fossem cinco horas e os convidados já tivessem encontrado seus lugares, cada mulher desceria a escada em espiral, sairia da torre, pegaria o braço de um dos padrinhos — ou do pai da noiva, no caso de Bee — e iria direto para o

corredor entre as cadeiras, que na verdade era um caminho sinuoso de pedras, tão histórico e bem cuidado quanto o restante do gramado.

Ainda faltava uma hora para o casamento começar, mas Dawn já tinha alinhado seus produtos de beleza sobre uma mesa ao fundo do quarto maior. A disposição metódica dos cosméticos lembrou Hannah da maneira como os instrumentos de metal ficavam arrumados no consultório do dentista. Dawn organizou sua coleção de beleza por tamanho: o lápis magrinho para olhos ao lado do rímel ao lado do blush ao lado da sombra.

Hannah ficou pensando conseguiria adiar a seção pinça, pincel e tinta por pelo menos mais meia hora. Ela já estava vestida, mas queria aproveitar ao máximo a liberdade antes de ser transformada em uma rainha de baile de formatura. Hannah foi até uma das janelas da torre e esfregou a nuca com tanta força que sentiu o colar de pérolas entrar na pele. Puxou a alça transparente do sutiã, que apertava desconfortavelmente a parte de trás de seu pescoço. Aquela era a peça de *lingerie* mais complexa que ela já tinha usado: um sistema acolchoado de suporte que tinha sido feito sob medida para a ocasião e para todas as madrinhas. Hannah tinha assistido às outras mulheres colocarem seus sutiãs especiais sem precisar de ajuda, mas não havia sido capaz de descobrir como vestir o seu sutiã sozinha. Acabou se tornando um trabalho para duas mulheres. Bee e Dawn cercaram Hannah para fazê-la entrar na enghoca de tecido, que cruzava suas costas duas vezes e era presa por uma fivela de metal pontiaguda logo acima do eixo de sua coluna.

— Mas precisa ficar justo assim? — Hannah havia reclamado para Bee depois que o sutiã já estava instalado.

Dawn respondeu antes que Bee pudesse abrir a boca:

— Se ficar mais folgado, vai pular tudo para fora do vestido, querida — ela disse rispidamente, olhando com cara feia para os peitos de Hannah. — Você já está transbordando.

Hannah já tinha ligado duas vezes para Rob, de sua prisão temporária na torre, na esperança de que ele pudesse acalmá-la sobre a questão do sutiã, da caminhada iminente até o altar e de Natalie Portman, que, para Hannah, estava menos inclinada a lhe dar boas notícias a cada hora que passava. Rob Nutley deveria estar nesse casamento. Ele havia confirmado e dito a Bee que faria muito gosto em comparecer, e, agora, comprovando as expectativas de todos a seu respeito, de cara imprudente e irresponsável, tinha dado o maior furo. Hannah estava contando com Rob para conseguir sobreviver ao fim de semana, mas agora não haveria mais ninguém além de Vicki, que naqueles dias não era lá uma grande fonte de apoio para ninguém.

Ainda segurando seu BlackBerry com força enquanto observava a paisagem pela janela, Hannah olhou para baixo e viu que havia uma ligação perdida. Rob.

Ela selecionou a opção “ligar de volta” e ficou olhando enquanto o número de Rob se iluminava pela terceira vez naquele dia. Sentiu um frio no estômago quando ouviu sua voz do outro lado, dando risada.

— Pode parar de rir. Eu preciso de você — Hannah sussurrou meio alto, fazendo com que Dawn lançasse um olhar de julgamento lá do sofá em sua direção. — Por favor. Essas mulheres estão tentando me atacar com lápis de olho. Você não consegue pegar um voo agora e chegar de última hora? Você pode chegar antes do final da recepção. Eu pago metade da passagem.

— Adoro quando você implora assim, mas não, querida, não posso sair de Austin — Rob fez uma pausa e continuou, com menos sarcasmo. — Não é o lance do dinheiro. É que a Liz não está se sentindo muito bem hoje. Não posso deixá-la sozinha em casa.

— Beleza. Vou ver se te ligo depois — disse Hannah, desligando antes que ele pudesse responder. Seus ombros caíram enquanto ela abandonava as esperanças de que Rob fosse mudar de ideia.

Hannah deixou a janela e foi até Dawn, que tinha acabado de cobrir seu rosto com pó compacto em um tom duas vezes mais escuro que o seu natural. Hannah se sentou ao lado dela e acariciou nervosa-

mente o teclado do BlackBerry, olhando-o a cada segundo para ver se havia alguma ligação não atendida de Rob ou da assistente da agente de Natalie Portman.

Do canto de olho, Hannah podia ver Bee no quarto, ao lado alisando seu vestido, que ainda estava no cabide. Era um vestido marfim justo e tomara que caia com um corpete de estampa que lembrava escamas, que fez Hannah pensar em sereias, e uma pequena cauda que se abria em leque. Meses atrás Bee havia explicado a Hannah que esperava poder usar o vestido de casamento de sua mãe, simples e de chiffon com saia rodada, que estava sendo conservado no guarda-roupa de Donna há quase três décadas. Mas quando ela o experimentou o zíper não quis subir. Donna sempre tinha usado 38, e, apesar de Bee lutar para manter o corpinho que tinha na faculdade, agora estava satisfeita com seu tamanho 40.

Agora Bee não estava usando nada além de uma calcinha branca de renda, sutiã sem alças e uma meia-calça modeladora que tirava uns 2,5 centímetros de sua silhueta. A cintura da meia-calça ficava acima de seu umbigo, apertando o corpo como um maiô. Seu cabelo estava preso em um coque feito de tranças, o que para Hannah parecia terrivelmente desconfortável e inapropriadamente sério.

Hannah amava os cabelos loiros avermelhados de Bee, especialmente quando eles estavam soltos sobre os ombros, despenteados e leves. Ela nunca entendeu por que as noivas sempre tinham de usar um penteado complicado e apertado. Hannah lembrou da maneira como os mortos pareciam no caixão — com maquiagem demais e irreconhecíveis mesmo para as pessoas que melhor os conheciam.

Bee estava cercada por outras duas madrinhas, Jackie e Lisa, que, como Hannah, já estavam em seus vestidos longos e com o cabelo esticado pela chapinha. Elas discutiam a melhor maneira de fazer Bee entrar no vestido sem estragar seu penteado de princesa.

— E se ela pular dentro dele? — Lisa, a madrinha passiva, sugeriu.

— Não! — Jackie, a madrinha mandona, respondeu agressiva-

mente. — Se ela pular, corre o risco de pisar no vestido ou deixá-lo sujo. Vai ter que passar pela cabeça dela.

— A mulher que me vendeu me mandou pular dentro — Bee disse, atenciosamente. — E pelo jeito esse piso está bem limpo. Mas... Talvez Jackie tenha razão. Vamos passar o vestido pela minha cabeça, mas bem devagarinho.

Quando Bee pediu ajuda para colocar o vestido, uma tarefa que requeria a ajuda de duas pessoas, Hannah preferiu ficar com Dawn — Hannah achou que ela gostaria de ter sua própria mucama para ajudá-la a se vestir.

O vestido de Dawn não era como o das outras madrinhas. Tudo bem que era um vestido frente única preto, com cintura alta e decote generoso, como os outros, mas, ao contrário do uniforme de Hannah, o vestido de Dawn trazia um laço todo ornamentado na cintura e uma pequena cauda de cetim. Hannah nunca tinha visto uma madrinha principal com um vestido diferente do das outras. Ela ficou pensando se era uma tradição de casamento sulista ou se era uma modinha nova. Com nada a fazer senão jogar conversa fora, ela se atreveu a fazer perguntas sobre o figurino de Dawn.

— Eu não sabia que a madrinha principal tinha de usar um vestido diferente. É assim que vocês fazem aqui no sul? Nunca tinha visto isso antes.

— Onde eu cresci — Dawn disse lentamente, enfatizando seu sotaque arrastado de Reese Witherspoon —, as madrinhas podiam ter vestidos diferentes.

— Onde foi que você cresceu? — Hannah perguntou, incapaz de controlar a tensão em sua voz.

— Em Roanoke — Dawn respondeu, rispidamente.

— E onde fica isso? — Hannah quis saber, se arrependendo no mesmo segundo pela pergunta, que poderia ser interpretada como um insulto.

— Na Virgínia. A umas duas horas de Richmond. Você fugiu da aula de geografia, querida?

Dawn deu um de seus sorrisos de debutante.

— Eu sou ruim de geografia — Hannah disse, tentando salvar a situação rapidamente com a voz mais dócil e feminina que conseguiu produzir. Ela olhou para o celular de novo, primeiro para garantir que não havia perdido uma mensagem sobre Natalie Portman e depois para ver que horas eram. Faltava menos de meia hora para o casamento. Expirou, exausta, e deixou que seus olhos encontrassem os de Dawn. — E, Dawn, eu também sou bem ruim com maquiagem; então, se você quiser passar o lápis para olhos em mim, fique à vontade. Você é profissional.

— Não sou só uma profissional, querida. Sou a melhor! — Dawn disse, ajustando sua cinta modeladora bege, que se estendia da metade da coxa até o complicado sutiã frente única e que não parecia incomodá-la nem um pouco. Sobre a cinta ela usava apenas uma camiseta que dizia: “Lady Tar Heel”, o nome de um time de basquete feminino.

— Quando eu terminar a sua maquiagem — Dawn continuou —, Tom vai cair de joelhos, implorando o seu perdão.

Hannah sentiu um arrepio ao ouvir o som do nome de Tom. Ela estalou alguns dedos.

— Eu não quero que Tom fique de joelhos — Hannah disse, de modo nada convincente, a voz começando a tremer. — Não quero voltar com ele. Não estou nem aí para o que ele acha. A Bee está fazendo uma tempestade em copo d’água com isso tudo.

Tratava-se de uma mentira parcial. Quando Hannah fantasiou sobre o casamento de Bee, onde veria Tom pela primeira vez desde que haviam terminado o namoro, dois anos e meio antes, ela não se via reatando com ele, pelo menos não de uma hora para outra.

Depois de terminarem, Hannah esperou durante um ano e pouco que Tom voltasse para ela, mas aquele desejo tinha se transformado em uma série de fantasias de vingança e rejeição, que começaram a parecer quase plausíveis depois que ficou bem claro que eles se encontrariam no casamento de Bee. Hannah estaria toda arrumada, confiante e cercada

por seus amigos em comum que sentiam saudade de conviver com os dois como um casal.

Hannah gostava de imaginar que Tom a enxergaria no meio do salão na recepção de Bee e se sentiria atraído por ela como na vez em que se conheceram, no segundo ano da faculdade.

Tom notaria que ela tinha parado de fazer reflexos no cabelo, que na verdade tinha uma bonita cor natural de chocolate, que finalmente combinava com suas sobrancelhas. Ele veria também que ela tinha perdido aqueles 10 quilos que ganhara depois da formatura, pelos quais Hannah estava convencida de que Tom a havia deixado, embora ele tenha dito tantas vezes que não tinha nada a ver. Tom se veria desarmado pela confiança recém-adquirida de Hannah, intimidado por sua postura. Ele saberia por Bee, ou talvez por Vicki, que Hannah havia sido contratada como diretora de elenco em um estúdio famoso, que produzia comerciais de extensão nacional e filmes sérios, de verdade. Chega de teatro com orçamento pobre. Chega de caçar atores para estrelar vídeos de hospitais sobre o diabetes.

Pouco tempo antes de terminarem, Tom havia dito que Hannah estava se traindo com aqueles trabalhos para vídeos corporativos, e que não fazia sentido montar um elenco para projetos que não tinham o entretenimento como objetivo. “Você não está feliz de verdade”, ele dissera ela durante a briga de quatro dias que resultou no fim do relacionamento. “Você mesma disse: é um trabalho sem sentido.”

No entanto, anos mais tarde aqueles trabalhos terríveis tinham valido a pena. Os diretores mais jovens — cujas primeiras oportunidades apareceram em produções teatrais “pobrinhas”, como um *tour* de *Scooby Doo: O Musical* — e aqueles que receberam os primeiros salários produzindo vídeos sobre assédio sexual para grandes empresas agora estavam dirigindo filmes de verdade. Eles se lembraram de Hannah e a contrataram por lealdade, exatamente como tinham prometido que fariam quando a conheceram — e ela ainda tinha vinte e poucos anos.

Foi assim que Hannah conseguiu esse novo trabalho, aquele que esperava que Natalie Portman estrelasse. A diretora do filme havia trabalhado com Hannah quatro anos antes em um comercial regional de uma marca de carros. Agora ela estava dirigindo um filme com um orçamento de seis milhões de dólares.

Tom estava errado: aqueles trabalhos horríveis tinham levado Hannah exatamente para onde ela queria estar quase aos trinta anos. Rob era quem tinha acertado. Ele era quem tinha mandado *e-mails* inspiradores dizendo para Hannah não sair de Nova York e entrar de cabeça no trabalho. Ele tinha enviado até um bilhete engraçado depois de assistir ao primeiro comercial dela para a televisão com atores do *Screen Actors Guild*.

“Elenco perfeito para o comercial de absorvente interno”, ele tinha dito em seu breve *e-mail*, “Eu acreditei mesmo que aquela mulher morre de medo de ter um vazamento. Fiquei com medo por ela. Mesmo. Parabéns.”

Na fantasia de Hannah sobre o casamento de Bee, ela e Tom não trocariam uma palavra durante a recepção. Eles se olhariam, um de cada lado do salão. Eles deixariam bem claro que um havia notado a presença do outro. Mas não haveria contato até o final da festa, quando Tom viria bater à porta do quarto de hotel de Hannah implorando uma reconciliação. Ele engoliria tudo o que tinha dito para ela na noite em que saiu de casa, quando falou que achava que não era capaz de ser esposa de alguém. Ele diria a ela que tinha cometido um grande erro ao deixar Nova York e que não acreditava mais ser tão importante assim ficar perto de sua família em Boston. Ele diria que a Nova Inglaterra era pequena e puritana demais e que sentia falta de jantar com Hannah nos restaurantes metidos a besta do East Village e depois assistir a produções teatrais bem longe da Broadway, estreladas pelos atores amigos dela, apesar de Tom ter reclamado tanto desses programas quando morava com ela.

Tom diria que a pior noite da vida dela — a noite em que ele foi embora — também havia sido a pior noite da vida dele, e que, depois que

sua irmã veio correndo de Boston para carregar o carro com suas coisas e ajudá-lo a se mudar para o norte, ele quase se deu conta, no mesmo momento, que havia perdido seu porto seguro na vida e também sua melhor amiga. Ele diria a Hannah que pensava nela todos os dias, principalmente antes de adormecer; todas as noites.

Nessa fantasia, Tom seria interpretado por Paul Rudd, Hannah decidiu. Paul Rudd era uns dez anos mais velho que Tom, mas ainda parecia jovem o bastante para se passar por um cara de vinte e poucos anos. E a escolha do elenco agradaria a todas as mulheres da idade de Hannah, que tinham sido fãs de *As Patricinhas de Beverly Hills*, ela pensou, garantindo o sucesso na bilheteria.

Depois de aparecer no seu quarto de hotel, Tom, ou Paul Rudd, dependendo da versão da fantasia de Hannah, tentaria passar a cabeça pela porta, depois que Hannah a abrisse, virando o rosto para o lado a fim de que seus lábios se encontrassem mais facilmente, mas Hannah colocaria a mão sobre o peito dele para impedi-lo.

— Agora é tarde demais — ela, ou talvez Emily Blunt, ou Kristen Stewart, diria em um tom seco.

— Não diga isso — Tom ou Paul Rudd responderia, quase choramingando.

Num dia bom, Hannah interromperia a fantasia bem ali. Ela resolveria a cena se imaginando fechar a porta fictícia do quarto de hotel na cara dele. Às vezes ela chegava ao ponto de inventar um namorado novo, que estaria à sua espera em sua cama fictícia do quarto de hotel. O mais estranho é que, na fantasia de Hannah, o namorado novo também era interpretado por Paul Rudd. Hannah ainda não havia pensando em quem escalar.

É claro que às vezes ficava difícil se comportar. Às vezes ela não queria terminar a fantasia com a rejeição segura do namorado de faculdade que a tinha deixado para trás. Às vezes, ao imaginar essa cena, ela imaginava um final em que puxava Tom porta adentro pela gravata e fazia amor com ele na cama do quarto de hotel, gemendo e agarrando

os travesseiros. Geralmente ela imaginava Tom como ele mesmo nesses momentos. Ela não via Paul Rudd como o tipo de cara que gemia nem agarrava travesseiros.

Hannah estava satisfeita com qualquer um dos dois resultados fictícios, rejeitando Tom ou fazendo sexo cinematográfico com ele. Rodar uma fantasia ou outra em sua cabeça a havia ajudado a dormir nos últimos meses. E com certeza havia tornado mais fácil encarar a rotina de dieta e exercícios de preparação para o casamento.

É claro que, mesmo depois de perder peso, ganhar um corte de cabelo caríssimo e de passar pela manicure com as outras madrinhas naquela manhã, Hannah achava que parecia terrivelmente mal-arrumada em comparação à madrinha principal, radiante e pronta para sorrir para a câmera. Tecnicamente, Dawn era apenas a mulher de um dos colegas da faculdade de Direito de Bee, mas era parte do grupo que havia se tornado a segunda família da noiva depois que ela se formou.

Agora Bee era advogada. E sulista. A menina tímida e mais estudiosa da turma de Hannah na Universidade de Syracuse cumpriu a promessa feita à sua família de se tornar advogada, como seu pai, e se casar antes de chegar aos trinta anos. A única decisão surpreendente de Bee depois de se formar foi se casar com Matt, que, ao contrário da família de Bee, era estourado e emotivo.

Bee se apaixonou por Matt Fee durante o primeiro ano da faculdade de Direito na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. Ela queria se especializar em Direito Imobiliário. Ele se tornaria o advogado interno da empresa de granito de sua família assim que passasse no exame da ordem. Ao se casar com Matt e mudar seu sobrenome — o que ela realmente planejava fazer —, Bee se tornaria Bee Fee. Mas nem aquilo parecia incomodá-la.

— Bee não é meu nome de verdade — Bee disse a Hannah pouco depois que o noivado foi anunciado. — Meu nome é Beth, lembra? Então vai ficar Beth Fee.

— Mas ninguém te chama de Beth, Bee — Hannah respondeu secamente ao telefone. — Bee Fee? Quem quer ter uma advogada chamada Bee Fee? Fica parecendo “bife”. Ai, dá para continuar com seu nome de solteira?

— Vou usar meu nome de solteira como nome do meio. Beth Evans Fee. Assim continuo sendo Bee. E só Evans, em vez de Eleanor.

— Aff, Bee, mas soa tão idiota. Bee Fee, advogada.

— Hannah, dá pra não estragar, por favor?

— Tá — Hannah havia concordado, sussurrando um último “Bee Fee” para si mesma.

Bee só havia mencionado sua amiga Dawn para Hannah algumas vezes durante o ano passado, e foi por isso que Hannah ficou surpresa ao saber que a esposa muito mais nova de um dos colegas de Bee da faculdade de Direito tinha ganhado a posição de madrinha principal tão rapidamente.

Ao notar a desconfiança de Hannah em relação a Dawn em uma conversa ao telefone, Bee tentou justificar a rápida promoção de sua nova amiga.

— A questão aqui não é quem é a minha melhor amiga, Hannah. Você sabe que é mais importante na minha vida, mas eu preciso de alguém que possa me ajudar com as tarefas de madrinha, tipo sair para comprar as coisas, preparar o chá de cozinha. Você odeia essas coisas, planejar festinhas cheias de firulas. Mas a Dawn ama. Ela vive para isso.

— Não estou ofendida, Bee. Não preciso ser a madrinha principal. E odeio essas coisas mesmo, com todas as minhas forças. Mas e a Jackie? Vocês se conhecem desde que nasceram. Ela não vai ficar triste?

— Jackie odeia esse tipo de coisa também. Pelo menos agora que está solteira. Eu não tive coragem de deixar os detalhes do meu casamento nas mãos dela. Parecia... Insensível pedir para ela planejar o grande dia de outra pessoa depois do jeito terrível como o namoro dela terminou. E você vai ver: a Dawn é boa nisso. Esse tipo de trabalho é a cara dela.

Como Hannah constatou rapidamente, lidar com vestidos, lápis de olho e tarefas cerimoniais era mesmo a cara de Dawn. Com vinte e três

anos e orgulhosa por ter nascido em Roanoke, Dawn era uma técnica profissional de concursos de beleza: ela treinava meninas para competir em concursos de *miss*. As famílias que gostariam que suas filhas tivessem mais chances durante a competição pagavam milhares de dólares a Dawn por dicas e lições de etiqueta. Dawn ensinava as mocinhas a se arrumar e a se maquiar sozinhas, e também a desfilarem. Ela as ajudava a escolher os trajes para a competição, de vestidos de gala a biquínis bem-comportados, mas que ainda permitissem um decote. Ela também ajudava as meninas em suas provas de “talento”, mesmo que elas não tivessem talento algum. Ela fazia provas orais, de surpresa, sobre os sonhos e aspirações das moças, porque alguém ia perguntar aquilo mesmo em algum ponto da competição.

— Nunca fale de política — Dawn aconselhava. — Nunca nem mencione “a paz mundial”. Você tem que escolher uma bandeira de verdade e insistir nela. Recomendo alguma coisa que tenha a ver com animais ou famílias de militares, ainda mais aqui na Virgínia.

Dawn não tinha feito faculdade. Ela começou seu próprio negócio de consultoria-de-uma-mulher-só assim que ficou velha demais para competir nos concursos ela mesma. Quando fez vinte anos, já tinha dinheiro o bastante para comprar um Ford Expedition creme, com uma placa de identificação personalizada: BLZ 2012.

— Posso ser sincera com você? — Dawn disse a Hannah quando as duas se viram pela primeira vez, na despedida de solteira de Bee, dois meses antes.

Bee e suas madrinhas haviam chegado uma por uma, vindas de suas cidades natais na Costa Leste, e se reunido no bar do lobby do hotel Atlantic City Hilton, onde passariam a noite. Hannah, que estava chocada pela profissão de Dawn desde que Bee havia revelado a informação em uma conversa ao telefone, não aguentou e teve de perguntar por que é que candidatas de concursos de beleza precisavam de ajuda — quer dizer, além da ajuda de um terapeuta, é claro.

— Ser técnica de concurso de beleza não é o que você está pensando — Dawn respondeu, fingindo ignorar o tom da pergunta de Hannah. — Você fica ao lado dessas meninas do começo ao fim, e isso pode levar meses e meses. É como ser mãe delas, juro por Deus. Você acompanha o planejamento conceitual. Você vai junto fazer compras. Você ajuda a manter o peso. Você ajuda com os sapatos de salto e os penteados. Você treina o discurso delas. É como se você fosse uma fada-madrinha. E então, quando elas ganham, tudo o que fazem é correr para os seus braços.

— Então você é tipo uma fada-madrinha que exige que elas percam peso? — Hannah perguntou, já meio tonta depois de duas taças de Riesling, fazendo com que Bee lançasse um olhar de reprovação lá do outro lado da mesa.

— Eu não mando ninguém emagrecer — Dawn respondeu calmamente, antes de dar um gole em seu martíni fluorescente. — As meninas querem mais é ficar tão bonitas quanto podem ser. Algumas não precisam perder peso antes do grande dia. Outras precisam.

Hannah aceitou essa resposta fazendo que sim com a cabeça e deixou que seus olhos vasculhassem a porta de entrada do hotel. Ela estava esperando ansiosamente pela chegada de Jackie, a melhor amiga de Bee no Ensino Médio, em Maryland.

Não que Hannah conhecesse Jackie muito bem. Mas, à primeira vista, Dawn, a madrinha principal misteriosa, tinha lhe parecido tão loira, tão sulista e tão rebocada de blush e sombra que Hannah sentiu necessidade de ver os cachos castanhos e a pele pálida de Jackie.

A última vez que Hannah tinha visto Jackie havia sido na festa de 25 anos de Bee, alguns anos antes. Ela e Jackie passaram a maior parte da noite tirando uma da cara de todo mundo no bar. Hannah adorou de verdade a companhia de Jackie, pelo menos enquanto estava bêbada. Ela escalaria Julia Stiles para o papel de Jackie, porque, apesar de a atriz ser loira, tinha o mesmo sorrisinho de lado e a mesma voz rouca da amiga de Bee.

Bee e Jackie se conheciam desde bebês. Elas dividiram um beliche no acampamento de verão em Maine por seis anos consecutivos e jogaram tênis em dupla no Ensino Médio. Foram ao baile de formatura acompanhadas por irmãos gêmeos, Chris e Ed Shanahan. Também foram as primeiras a ligar uma para a outra quando perderam a virgindade, no primeiro ano da faculdade.

No entanto, elas haviam se distanciado ao chegarem mais perto dos trinta, e foi por isso que Jackie perdeu o posto de madrinha principal. Kevin, namorado de Jackie de muitos anos, tinha colocado vários chifres bem indiscretos nela antes de finalmente ir embora no ano anterior. Desde a separação, Jackie andava meio indiferente e até um pouco cruel com as amigas — principalmente Bee — que estavam apaixonadas e felizes.

No bar em Atlantic City, na noite da despedida de solteira, Bee contou a história de Jackie e Kevin para que todas as madrinhas soubessem o que esperar de sua amiga mais antiga, mais querida e também meio distante, que ainda estava por chegar.

Enquanto as mulheres se debruçavam sobre seus coquetéis, Bee explicou que Jackie se formou em finanças e agora investigava fraudes corporativas. Sua empresa, que tinha um escritório em um arranha-céu no Distrito Financeiro de Nova York, era contratada por executivos de grandes companhias para descobrir se seus funcionários estavam usando os cartões de crédito corporativos para fins suspeitos. Jackie havia economizado milhões para seus clientes ao desmascarar os homens de negócios que tinham usado o *American Express* da firma para pagar o conserto de seus carros particulares ou a conta de restaurantes caros. Uma vez ela pegou um executivo que usava o cartão da empresa para pagar a mensalidade de trinta mil dólares da escola dos filhos.

Quando estava na faculdade, Jackie tinha namorado com Kevin, que depois se mudou com ela para Nova York. O relacionamento era feliz e calmo, e ela tinha certeza de que eles iriam se casar — até descobrir

que Kevin não apenas a tinha traído com uma colega do trabalho dela, mas que também tinha feito um cartão de crédito no nome de Jackie sem que ela soubesse.

De acordo com Bee, Jackie ainda estava pagando uma conta de vinte e seis mil dólares, um rombo aberto por Kevin ao pagar dívidas antigas da faculdade, comprar brinquedos de que não precisava e levar a outra para almoçar em encontros secretos.

Jackie havia descoberto a fraude de Kevin do jeito mais básico, quando uma empresa de cartões de crédito — com a qual ela lidava frequentemente nas investigações no trabalho — ligou para ela para informar que o pagamento da fatura estava com dois meses de atraso. Ela explicou que não tinha cartão de crédito daquela companhia, que deveria ser um erro. O representante leu os quatro últimos números do CPF dela e também sua data de nascimento, e então deu os detalhes de seu saldo estratosférico. Jackie achou que estava sendo vítima de uma fraude até o representante da empresa começar a ler uma lista dos itens comprados com o cartão: o Xbox, que agora estava no chão de sua sala de visitas, e os tênis de corrida verde brilhantes, supostamente aerodinâmicos, que Kevin havia trazido para casa no mês anterior.

Quando Jackie confrontou Kevin e falou sobre o telefonema, ele disse que havia desenvolvido uma mania secreta de fazer compras porque estava deprimido. Ele prometeu que procuraria ajuda profissional e garantiu que o mau comportamento era resultado de um desequilíbrio químico que era normal na família dele.

Depois da sexta sessão de terapia de Kevin, ele foi para casa correndo, explicou a Jackie que ela era “permissiva” e disse que tinha de sair daquele apartamento pelo bem de sua saúde mental. Ele prometeu pagar as faturas do cartão depois de sair dali, mas ela nunca viu a cor do dinheiro. Ele nem se preocupou em mudar seu endereço de correspondência. Jackie assumiu a responsabilidade do restante da fatura sem tentar entrar em contato com ele. Ela havia chegado à conclusão de que

merecia pagar por não ter sido capaz de notar o único crime que havia sido treinada para identificar.

Um ano depois da separação, Jackie estava mais reservada e cínica que nunca, de acordo com Bee, que contou sua história para Hannah e as outras madrinhas naquele bar de hotel como se fosse um caso de mistério. Ela narrou tudo em voz baixa e dramática, com os olhos arregalados. Hannah imaginou Bee segurando uma lanterna sob o queixo.

Bee explicou que, quando pediu para Jackie ser sua madrinha, a velha amiga aceitou, mas só depois de uma pausa bem longa. Bee admitiu que às vezes pensava se o desastre do cartão de crédito e da traição havia tornado Jackie incapaz de comemorar a felicidade de qualquer outra pessoa.

— De repente demora mais que alguns meses para superar esse tipo de perda e de traição — Hannah respondeu secamente na direção de Bee depois de ouvir a triste história de Jackie ser contada naquele bar de hotel. — O cara ir embora de repente... Isso pode acabar com a pessoa — Hannah continuou, talvez revelando muito sobre ela mesma para as outras madrinhas de Bee, que eram todas casadas ou noivas.

Hannah tinha imaginado que ela e Jackie se dariam superbem durante o fim de semana da despedida de solteira e no casamento em Annapolis. Elas seriam as únicas nova-iorquinas da festa e as únicas solteiras também. Mas, depois de algumas horas em Atlantic City, ficou bem claro que Jackie não estava nem aí para a camaradagem de Hannah e que tinha pouquíssimo interesse nas tarefas de madrinha em geral. Além disso, Jackie já estava de namorado novo. Quando a investigadora de fraudes finalmente se juntou às outras mulheres no bar do hotel, explicou que estava namorando um cara novo — um otorrinolaringologista chamado Will. E ele iria ao casamento com ela. Quando Bee perguntou, toda animada, se o negócio era sério, Jackie simplesmente deu de ombros.

Horas depois do jantar da despedida de solteira, quando Bee já estava caindo de bêbada em um lugar chamado “Balada do Sorriso” e Dawn, movida a bateria, ainda exigia que todas ficassem por ali por ao

menos mais uma hora, Hannah pediu apoio a Jackie, uma voz da razão para levar o grupo de volta ao hotel para que a noiva, que já estava babando, pudesse vomitar e dormir um pouco.

Antes que Hannah pedisse o conselho de Jackie, para que elas pudessem vencer Dawn como uma dupla, a investigadora de fraudes anunciou que estava com dor de cabeça e que voltaria para o hotel mais cedo.

— Mas vocês, meninas, podem ficar aí. E divirtam-se! — ela disse, sem olhar nos olhos de Hannah, que a encarou sem poder acreditar.

Hannah jogou a cabeça para trás, furiosa com a traição silenciosa. Sem a dissidência de Jackie, Dawn conseguiu arrastar o grupo para dois outros bares, onde paquerou moços de boné, deixando Hannah responsável por Bee, que já estava trêbada e só conseguia resmungar frases como “Você acha que eu e o Matt vamos nos divorciar?” e “Você acha que ele vai me trair?”.

Hannah tentou discutir com Dawn, que tinha tanta energia às onze da noite quanto cinco horas antes, quando a mulherada começou a beber.

— Dawn — Hannah disse, tentando ser o mais educada possível —, acho que a Bee vai vomitar. Acho melhor levá-la de volta para o hotel.

— Querida — Dawn respondeu, batendo palmas duas vezes em frente ao rosto pálido de Bee —, força na peruca!

— Posso ser sincera com você? — Dawn berrou, dessa vez dirigindo seu comentário para Hannah. — Essa é uma das últimas noites de liberdade da Bee. Ela não vai gostar nada se acordar amanhã e descobrir que foi dormir à meia-noite.

Passaram-se mais oitenta minutos antes de Dawn deixar o grupo voltar para o hotel. E foi só porque Bee vomitou nela mesma no bar — pelo jeito, a peruca dela não era lá muito forte.

Dawn saiu correndo da balada para tentar arrumar um táxi assim que Bee começou a fazer cena. Lisa, a madrinha tímida, saiu correndo atrás dela, enquanto Dawn berrava por cima do ombro para Hannah, “Boa sorte! Agora ela é toda sua!”.

Hannah levou vinte minutos para limpar a sujeira de Bee e deixá-la apresentável para que pudessem sair do bar. Lá fora, Hannah segurou Bee pela cintura e fez carinho em suas costas. Enquanto isso, a futura noiva vomitava em um bueiro de Atlantic City. Quando Hannah teve certeza de que Bee já tinha esvaziado o estômago, fez sinal para um táxi na rua e ajudou a amiga a entrar no carro.

O motorista bateu a cabeça no encosto de seu banco ao ver a expressão de náusea de Bee no espelho retrovisor.

— É melhor ela não vomitar — ele disse. — Se vomitar, serão mais duzentos dólares.

— Ela vão vai — Hannah disse, enquanto Bee engolia a saliva e fazia uma careta.

Bee quase não resistiu até o final da corrida. Ela vomitou nos pés de Hannah assim que as duas saíram do táxi, e então deu um abraço na amiga.

Hannah segurou Bee com força, ignorando a sujeira em seus sapatos, e então a levou devagarinho para o lobby do hotel, que estava mais cheio após a meia-noite do que Hannah esperava, mesmo para uma cidade cheia de cassinos. Sem querer perder o suéter que Bee estava usando, de caxemira e que deveria ter custado uma nota, Hannah não largou a blusa encharcada de vômito, mantendo-a enrolada na mão esquerda. Ela usou a mão direita para segurar Bee pelo cotovelo direito, primeiro ajudando a amiga a se manter ereta, e então para guiá-la, passando pela recepção e chegando ao elevador.

Alguns passos depois, a blusa tomara que caia de Bee fez jus ao nome.

Provavelmente, Hannah pensou, a blusa já estava meio larga por causa de todo o peso que Bee havia perdido para o casamento. Hannah deu aquele sorriso amarelo quando todo mundo ficou de queixo caído. Bee estava sem sutiã, e, com o tomara que caia já na barriga, dava para ver tudo. Três caras que ainda deveriam estar na faculdade mal podiam acreditar que havia uma mulher de peitos de fora na sua frente no *lobby* do hotel.

— Cacete! — disse um deles, sorrindo.

O segundo moço, que estava usando um moletom de Rutgers (a Universidade de Nova Jersey), até pegou o celular para tirar uma foto de Bee. Hannah parou de repente e encarou o menino.

— Juro por Deus que, se você tirar uma foto dela, vou pegar esse celular e enfiar você sabe onde! — Hannah disse, feliz por poder extravasar um pouco de sua raiva, que na verdade deveria ser descarregada na mandona da Dawn e na egoísta da Jackie. O cara abaixou o celular e olhou para o chão: pelo jeito a bronca surtiu um pouco de efeito. Seus amigos estavam quase caindo no chão de tanto rir, bêbados.

Bee olhou para os seios descobertos e deu uma risadinha para os meninos.

— Estou pelada, Hannah.

— Eu sei, Bee — Hannah respondeu, gentilmente.

— Meus mamilos — Bee disse quando estavam quase chegando ao elevador.

— É, você tem dois — Hannah respondeu. — Dois mamilos. E devidamente reconhecidos.

Elas pegaram o elevador para o 11º andar com dois homens de terno, que pelo jeito estavam em uma viagem de negócios. Hannah tentou pela segunda vez erguer o tomara que caia de Bee para cobrir seus seios, mas a blusa caiu de novo quase instantaneamente.

— Noite boa, né? — Hannah disse para os dois com um meio sorriso, desistindo.

— É... — disse o mais alto dos dois, sem tirar os olhos dos peitos à sua frente. — Até que não está frio demais. — E então os dois olharam para o chão, com o rosto vermelho.

Quando Hannah voltou para o quarto e abriu a porta com tudo, ainda com uma mão levando Bee pelo cotovelo, Dawn e Lisa já estavam de pijama, sentadas sobre uma das camas, assistindo ao David Letterman. Cheia de raiva, Hannah levou a amiga meio pelada direto para o banheiro e bateu a porta.

Alguns minutos depois de ficar sentada na beirada da banheira, segurando a cabeça de Bee sobre a privada, Hannah ouviu Lisa, a madrinha da faculdade de Direito que mal tinha dito uma palavra a noite inteira, bater levemente na porta.

— Você precisa de alguma coisa, Hannah? A gente comprou *cookies* e umas batatinhas no caminho de volta para o hotel e ainda tem um pouco. Também tem refrigerante e água.

— Não! — Hannah respondeu, com ódio, quase se arrependendo de seu tom no mesmo instante. Ela estava brava com Dawn e Jackie, e não com Lisa, tão dócil, que Hannah achava que deveria ser uma boa pessoa. Lisa era passiva e inútil, provavelmente uma péssima advogada, mas, mesmo assim, boazinha. Hannah decidiu que ela seria interpretada por Katie Holmes.

Hannah esperou até Bee vomitar mais duas vezes e, então, levou a amiga para a banheira. Tirou o que restava das roupas de Bee, jogando a calça jeans cara e a calcinha branca para o outro lado do banheiro. Então abriu a torneira, que jorrou água gelada. Bee resmungou.

— Fica aí — Hannah disse. — Vai esquentar em dois segundos.

— Você não precisa fazer isso — Bee disse. Ela já estava se sentindo mais sóbria. Seus olhos estavam menos vidrados. Ela olhou para Hannah, agradecida.

— Claro que preciso — Hannah respondeu, se sentando no chão do banheiro, com as costas contra a parede. — Você fez isso por mim.

— Eu? — Bee perguntou, confusa.

— Duas vezes. Você cuidou de mim no segundo ano da faculdade, no apartamento de Matt Dorfman, quando vomitei no meu colo. E eu acho que meu vômito era até mais nojento que esse, se isso for possível. E outra vez, uns anos atrás, depois que eu e Tom terminamos.

— Eu não lembro de você ter vomitado depois de o Tom ir embora — Bee deu um soluço.

— Eu estava vomitando emocionalmente — Hannah explicou em

voz baixa, lembrando-se daquela noite. — Eu te liguei depois que o Tom e a irmã foram embora com todas as coisas dele, e você veio de carro lá da casa dos seus pais, em Maryland. Você limpou meu apartamento enquanto eu chorava e assistia a uma temporada inteira de *Lost*, e ficou comigo por uma semana até eu conseguir dormir sozinha de novo.

Bee deu um sorrisinho, esfregando os braços com a água quente.

— Mas é claro que fiquei — ela disse cheia de orgulho, engolindo um arroto. — Me passa a pasta de dente?

— Claro — Hannah disse, esticando o braço para a pia e pegando o pequeno tubo de Colgate do *nécessaire* de Bee.

— Hannah? — Bee perguntou enquanto apertava o tubo para colocar um pingo verde de pasta no dedo e enfiando o dedo na boca. — Você acha que Matt é um cara legal? Quer dizer, você acha que a gente vai ser feliz?

Hannah virou a cabeça para o lado e sorriu, confiante.

— Bee, ele não é o seu pai. Você não é a sua mãe. É um casamento totalmente diferente. É o seu casamento, e não o deles.

Ao final desse longo processo, Bee já vestia um pijama limpo, já passava das duas da manhã e as outras madrinhas estavam dormindo e respirando alto. Jackie e Dawn ocupavam as duas camas de casal, enquanto Lisa ressonava desconfortavelmente no chão, em frente à TV. Hannah viu que a única cama de armar havia sido montada, mas estava vazia. Provavelmente Lisa a havia deixado reservada para a futura noiva coberta de vômito. Vou ser mais boazinha com Katie Holmes, Hannah pensou ao ver Lisa tentar dormir sem cobertor sobre o carpete do hotel.

Hannah ajudou Bee a se deitar na pequena cama de armar e se deitou no chão ao lado de Lisa, que abriu os olhos brevemente, o suficiente para Hannah dizer:

— Desculpe por ter gritado com você, Lisa. É que eu estava coberta de vômito.

As duas madrinhas sorriram.

Minutos depois de ficarem tremendo, sem cobertor, as duas se aproximaram e se deitaram de conchinha. Hannah pensou em Tom por um momento, como muitas vezes antes de cair no sono. Ela se permitiu imaginar que ele é que estava ao lado dela, e não uma madrinha que ela mal conhecia. Hannah tentou bloquear a silhueta feminina de Lisa e ficou pensando nos ombros largos de Tom ao suspirar no escuro e fechar os olhos.

Na manhã seguinte, Hannah decidiu seguir a linha “dócil, porém sábia”, de Lisa. Dawn podia ser uma técnica de concursos de beleza egoísta, mas, no contexto do casamento de Bee, era melhor obedecê-la que desafiá-la. Jackie poderia ser uma alfa mais compreensível — alguém que poderia ser amiga dela na vida real —, mas não oferecia nenhuma recompensa, nem compensação, por sua lealdade. Jackie simplesmente queria ficar em paz, e aquilo não trazia vantagem nenhuma para Hannah.

Hannah também admitiu para si mesma que, embora desprezasse Dawn das mais variadas maneiras, a técnica de concursos de beleza lhe parecia estranhamente familiar. E naquela manhã depois da festa de despedida de solteira, enquanto Hannah observava Dawn se arrumar meticulosamente antes de irem embora do hotel, Hannah percebeu o porquê. Em Nova York, Hannah estava quase sempre cercada de atores, pessoas bonitas e loucas por atenção que ela escalava para comerciais e filmes. Não eram amigos de verdade.

Hannah sabia que a maioria dos atores que a levavam a restaurantes e lhe davam ingressos grátis para o teatro só estava interessada em passar mais tempo com ela porque queria mais trabalho.

Mas Hannah tinha se acostumado a manter esses atores falsos por perto, principalmente depois que Tom foi embora. Eles sempre a convidavam para fazer alguma coisa nos fins de semana.

Nas festas, ela se deparava com a pior variedade deles. Ela encontrava um ator perversamente adorável e cheio de falsa moral, geralmente gay, e grudava nele. Era sua maneira de garantir que seria entretida a

noite inteira e, ao mesmo tempo, de evitar se tornar o próximo alvo dele. Já no casamento de Bee, Dawn era a coisa mais próxima de um *gay* malvado e adorável que ela podia encontrar.

“Se eu pensar nela como uma *drag queen*, sabe que até gosto?”, Hannah explicou para Vicki ao telefone depois do fim de semana da despedida de solteira. “Se ela fosse um *gay*, seria quase simpática.”

“Tudo o que você está me dizendo soa meio preconceituoso. E essa tal de Dawn deve ser uma pessoa horrorosa”, Vicki respondeu. “Me deixe bem longe dela em Annapolis. Não vou ser capaz de esquecer que ela é mulher. E com certeza não vou conseguir esquecer que a melhor amiga da Bee agora é uma rainha de concursos de beleza.”

O negócio de rainha de concursos de beleza não incomodava mais Hannah. Se o seu objetivo era deixar Tom arrasado ao parecer a mulher ideal, alguém que poderia ser interpretado por Emily Blunt, ela precisava de ajuda profissional. Precisava de uma técnica de concursos de beleza.

Agora, no clube de campo em Annapolis, sentada como um cachorrinho ao lado de Dawn, Hannah observava enquanto a madrinha principal abria mais uma maleta de cor pastel cheia de maquiagem. Na lateral da maleta estava grudado um adesivo que dizia: MRV.

— O que isso quer dizer? — Hannah perguntou, colocando o cabelo atrás da orelha para que Dawn pudesse ver seu rosto melhor.

— Miss Roanoke Valley. Eu ganhei — Dawn respondeu, cheia de orgulho. — Também fiquei em segundo lugar no concurso de Miss Virgínia.

— Uau! — Hannah exclamou, surpresa consigo mesma por ter ficado sinceramente impressionada. — Mas não é estranho? Bom, quer dizer, quando você era criança, queria participar desses concursos ou a sua mãe é que te obrigava? Não que isso seja errado — Hannah completou, deixando a pergunta mais amigável. — Mas parece pressão demais para uma menininha.

— Posso ser sincera com você? Olha, de verdade, eu adorava. Eu nasci para aquilo. Eu sei que a mídia faz tudo parecer terrível — o inci-

dente com JonBénet² não ajudou —, mas na verdade é todo um lance de autoestima e caráter feminino. O grande lance é se amar.

— Entendi — Hannah respondeu, em voz baixa. — Dawn... — ela continuou, mudando de assunto. — Eu quero ficar bonita e confio em você, mas não quero ficar arrumadinha demais. Não consigo. Por favor, não me deixe ficar... Você sabe... Perua demais.

Dawn virou os olhos.

— O que isso quer dizer?

— Acho que quer dizer nada de sombra azul calcinha. E talvez nada de *glitter* no corpo. Eu quero ficar bonita, mas não como se estivesse indo para um baile de debutantes. Quero parecer eu mesma, só que melhor.

Dawn sorriu.

— Só para você saber, a maquiagem de um baile de debutantes geralmente é bem sutil, viu? E o *glitter* corporal foi criado para dançarinas exóticas e prostitutas. Eu não uso, nem perdoo. Tá, querida?

Hannah deixou escapar um suspiro comprido e fez que sim com a cabeça. O casamento nem tinha começado direito e ela já estava exausta. Provavelmente, Tom já havia chegado à cidade, e talvez até estivesse a caminho do clube de campo. Ele estava com sua acompanhante, uma orientadora vocacional chamada Jaime.

— Querida, você está bem? — Dawn perguntou, de repente parecendo mais sincera do que Hannah poderia achar possível.

— Eu quero ele de volta, sim — Hannah disse, se surpreendendo ao perder o controle e com lágrimas encharcando de repente seus olhos ainda sem maquiagem.

— Querida. — Dawn respondeu, puxando Hannah para perto de seu peito. — Querida, ele vai voltar para você num instantinho. Você é maravilhosa.

² JonBenét Patricia Ramsey: rainha de concursos de beleza para crianças nos Estados Unidos, assassinada aos seis anos de idade em sua casa, no Colorado, em 1996 (N. T.).